

movimento fora da esfera privada e dentro da esfera pública.<sup>6</sup> Em época mais recente, os artesãos, aos quais Sólon descrevia ainda como filhos de Atena e de Hefesto, chegaram a receber outro nome: eram chamados de *banausoi*, isto é, homens cujo principal interesse é o seu ofício e não o mundo público. É somente a partir de fins do século V que a *polis* passa a classificar as ocupações segundo a quantidade de esforço que exigem, de sorte que Aristóteles considerava como mais mesquinhas aquelas ocupações «nas quais o corpo se desgasta». Embora se recusasse a conceder cidadania aos *banausoi*, teria aceito pastores e pintores — mas não camponeses nem/escultores.<sup>7</sup>

Veremos que, à parte seu desdém pelo labor, os gregos tinham

6. Veja-se J.-P. Bernant, «Travail et nature dans la Grèce ancienne» (*Journal de psychologie normale et pathologique*, LII, N° 1 (Janeiro-Março de 1955)): «Le terme (*demiourgoi*), chez Homère et Hésiode, ne qualifie pas à l'origine l'artisan en tant que tel, comme 'ouvrier': il définit toutes les activités qui s'exercent en dehors du cadre de l'*oikos*, en faveur d'un public, *demos*: les artisans — charpentiers et forgerons — mais nom mois qu'eux les devins, les héraults, les aèdes».

7. *Política* 1258b35 ff. Quanto à discussão de Aristóteles acerca da admissão dos *banausoi* à cidadania, veja-se *Política* iii. 5. A teoria de Aristóteles corresponde muito de perto à realidade: estima-se que até 80 por cento da mão-de-obra livre, trabalhadores e comerciantes consistiam em indivíduos que não eram cidadãos: eram «estrangeiros» (*katoikountes* e *metoikoi*) ou escravos emancipados que haviam galgado essas posições (veja-se Fritz Heichelheim, *Wirtschaftsgeschichte des Altertums* (1938), I, 398 ff.). Jacob Burckhardt que, em sua *Griechische Kulturgeschichte* (Vol. II, seções 6 e 8), registra a opinião corrente na Grécia quanto a quem pertencia ou não à classe dos *banausoi*, observa também que não se conhece nenhum tratado sobre escultura. Em vista dos muitos ensaios sobre música e poesia, é provável que não se trate de acidente da tradição, como não é accidental o fato de conhecermos tantas histórias acerca do grande sentimento de superioridade e até mesmo da arrogância de famosos pintores, das quais não existem correspondentes quando se trata de escultores. Esta diferença entre pintores e escultores sobreviveu muitos séculos. Encontramo-la ainda na Renascença, quando a escultura era classificada entre as artes servis, enquanto que a pintura tinha uma posição intermediária entre as artes liberais e servis (veja-se Otto Neurath, «Beiträge zur Geschichte der Opera Servilia», *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*, Vol. XLI, N° 2 (1915)).

O fato de que a opinião pública grega nas cidades-estados julgava as

suas razões para não confiar no artífice ou, antes, na mentalidade do *homo faber*. Essa desconfiança, porém, só é encontrada em certos períodos, ao passo que todas as antigas classificações das atividades humanas, inclusive as que, como a de Hesíodo, supostamente enaltecem o labor,<sup>8</sup> repousam na convicção de que o labor do

ocupações segundo o esforço necessário e o tempo consumido recebe apoio de uma observação de Aristóteles quanto à vida dos pastores: «Há grandes diferenças nos modos de vida humanos. Os mais indolentes são os pastores, que conseguem alimento sem trabalho (*ponos*) a partir de animais domésticos, e gozam de lazer (*skholazousin*)» (*Política* 1256a30 ff.). É interessante notar que Aristóteles, provavelmente seguindo a opinião corrente, mencione aqui a indolência (*aergia*) juntamente com, e quase como condição para, a *skhole*, a abstenção de certas atividades, que é a condição para a vida política. O leitor moderno em geral deve saber que *aergia* e *skhole* não são a mesma coisa. A indolência tinha as mesmas conotações que tem para nós, e uma vida de *skhole* não era considerada uma vida preguiçosa. Não obstante, o equacionamento de *skhole* com o ócio é característico de uma evolução ocorrida dentro da *polis*. Assim, Xenofonte nos conta que Sócrates fora acusado de haver citado um verso de Hesíodo: «O trabalho não envergonha, mas sim a preguiça (*aergia*)». A acusação era que Sócrates havia instilado em seus discípulos um espírito de servilidade (*Memorabilia* i. 2. 56). Historicamente, é importante lembrar a diferença entre o desprezo com que, nas cidades-estados gregas, eram vistas todas as ocupações não-políticas resultantes do fato de que os cidadãos dedicavam quase todo o seu tempo e energia à *polis*, e o desprezo anterior, mais original e mais antigo, pelas atividades que serviam apenas à subsistência — *ad vitae sustentatione*, como são definidas as *opera servilia* ainda no século XVIII. No mundo de Homero, Páris e Ulisses ajudam na construção de suas casas, a própria Nausicaa lava as roupas dos irmãos, etc. Tudo isto faz parte da auto-suficiência do herói homérico, de sua independência e supremacia autônoma de sua pessoa. Nenhum trabalho é sórdido quando significa maior independência; a mesma atividade pode ser sinal de servilidade se o que estiver em jogo não for a independência pessoal, e sim a mera sobrevivência, se não for uma expressão de soberania mas de sujeição à necessidade. A diferença de valor atribuído por Homero ao artesanato é, naturalmente, muito conhecida. Mas o seu verdadeiro significado foi lindamente exposto num ensaio recente de Richard Harder, *Eigenart der Griechen* (1949).

8. O labor e o trabalho (*ponos* e *ergon*) são diferenciados em Hesíodo; só o trabalho é devido a Eris, a deusa da emulação (*Os Trabalhos e os Dias* 20-26), mas o labor, como todos os outros males, provém da cai-